

Violência e homofobia: um estudo sobre o preconceito e a agressão contra a população LGBT em Mato Grosso do Sul

*Violence and Homophobia: A study
of prejudice and aggression against
the LGBT population in Mato Grosso do Sul*

Ana Maria Gomes

Socióloga, Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Aparecido Francisco dos Reis

*Sociólogo, Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
aparecido.reis@ufms.br*

Keith Diego Kurashige

Mestrando em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos



Resumo

Esse artigo tem o objetivo de discutir parte dos resultados do projeto de pesquisa "Violência e Homofobia: Um estudo sobre o preconceito e a agressão contra a população LGBT em Campo Grande". O projeto teve como objetivo fazer uma análise de dados quantitativos e qualitativos acerca dos crimes e discursos homofóbicos. Para tanto, foram coletados dados de Organizações Não Governamentais e Governamentais (ONGs e OGs), acerca dos índices de violência de cunho homofóbico em nível nacional e regional. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas onde se buscou saber em quais situações e onde aparecem preconceito e discriminação. Os dados coletados mostram que o índice de violência de cunho homofóbico e preconceitos continuam extremamente acentuados. Os depoimentos mostram as características da homofobia, que muitas vezes chegam a forçar indivíduos a fugir de casa ou a esconder sua homossexualidade com medo da violência que podem sofrer. A aversão contra homossexuais não tão raro é legitimada pelos discursos heterossexista e sendo a causa principal de preconceito e homofobia resultando em muitos casos de assassinatos e cerceamento de direito de se expressar e ser respeitado em sua orientação sexual.

Palavras-Chave: Homossexualidade. Violência. Homofobia.

Abstract

This article aims to discuss some of the results of the research project "Violence and Homophobia: A study of prejudice and aggression against the LGBT population in Campo Grande." The project aimed to make an analysis of quantitative and qualitative data about crimes and homophobic discourses. Therefore, data were collected on Governmental and Non-Governmental Organizations (NGOs and GOs), about the rates of stamp homophobic violence in national and regional level. Interviews were conducted semi-structured, where we seek to know in what situations and where they appear prejudice and discrimination. The collected data show that the rate of stamp homophobic violence and prejudice remain extremely pronounced. The statements show the characteristics of homophobia, which often amount to forcing individuals to flee their homes or to hide his homosexuality for fear that violence may suffer. The hatred against homosexuals is not so rare and heterosexist discourses legitimized by being the main cause of prejudice and homophobia resulting in many cases of murders and curtailment of the right to express themselves and be respected for their sexual orientation.

Keywords: Homosexuality. Violence. Homophobia.

Historicamente, a sexualidade humana tem como parâmetro a heterossexualidade como norma. Isso resultou na materialização de diferentes modalidades de preconceitos e, conseqüentemente, na imposição e naturalização da invisibilidade das práticas afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros foram e são alvos de discriminação que se expressa na posição de rejeição assumida, na maioria das vezes, pela família; nos ambientes de trabalho e de participação política; nos ambientes escolares e universitários; nos espaços de lazer; de amizade e em praticamente todas as dimensões da existência humana. Isso porque as diferenças no jeito de ser e viver têm significado uma arena fértil para a manifestação de múltiplas modalidades de opressão. Raça, etnia, gênero, orientação sexual e muitos outros itens compõem a agenda de questões que, historicamente, estão no alvo da intolerância e da não aceitação da diversidade.

A negação da diversidade humana se manifesta através dos preconceitos, da discriminação e da violência. Segundo Mesquita, os preconceitos são juízos provisórios refutados pela ciência e por uma experiência cuidadosamente analisada, mas que se conservam inabalados contra todos os argumentos da razão. Nesse sentido, os preconceitos têm sua sustentação em bases afetivas e irracionais amparadas na desinformação, na ignorância, no moralismo, no conservadorismo e no conformismo. Isto é, na naturalização dos processos sociais. Tais determinações por estarem inscritas numa dada formação sócio-cultural poderão, no nosso entendimento, até explicar atitudes de discriminação, mas nunca justificá-las.

As pessoas que vivenciam relações afetivo-sexuais com indivíduos do mesmo sexo são coagidas a assumir nos espaços públicos e nos espaços privados “uma identidade discreta”, e dessa forma são obrigadas a levar uma “vida dupla”: para alguns revelam “seu segredo”, para outros escondem. E em alguns casos, não se aceitam, negando para si a sua orientação sexual. O que nos cabe indagar é: quais as conseqüências para milhares de mulheres e homens homossexuais que ocultam uma dimensão tão relevante da existência humana que é a expressão do afeto e do amor e que tipo de problema isso acarreta na definição e implementação de programas de saúde pública dirigidos a esses segmentos sociais.

É importante compreender que a prática afetivo-sexual possui duas dimensões que se determinam reciprocamente e não podem ser compreendidas de forma dissociada. Trata-se da dimensão privada e pública, ou de outro modo, pessoal e coletiva. As práticas afetivo-sexuais em si possuem

uma dimensão essencialmente privada. Cada indivíduo na sua singularidade é quem escolhe como vai expressar, sentir, orientar e responder seus desejos e necessidades sexuais. E são estes indivíduos concretos, historicamente determinados, que vivenciam a experiência e os (dis)sabores da sua prática afetivo-sexual. No entanto, a prática afetivo-sexual supõe também a garantia de uma dimensão pública, coletiva com bases históricas e, em dizendo respeito ao ser humano, interpela pela garantia de sua objetivação sem interdição de suas múltiplas expressões eróticas, quer sejam homossexuais, heterossexuais ou bissexuais. Mais ainda, a orientação sexual assume caráter público no sentido de que não há justificativas, senão de cunho moralista e conservador, que incorporem legitimidade quando cerceiam direitos considerados fundamentais.

Sendo a sexualidade humana dimensão relevante na constituição da individualidade, qualquer tentativa de obstaculizar a vivência afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo configura-se concretamente violação dos direitos humanos. Em nossa realidade, podemos afirmar que esta violação se expressa na homofobia e na lesbofobia, que se estruturam como práticas sócio-culturais e ideológicas profundamente enraizadas e legitimadas na sociabilidade vigente. Mas em que consiste a homofobia e a lesbofobia?

Para a compreensão do termo homofobia/lesbofobia, partiremos do que é fobia. “Fobia é um sentimento ou reação externa de rejeição a algo de que não gostamos, sobre o qual não concordamos, que não aprovamos ou do qual temos medo” (SANTOS, 2004, p. 90). A fobia é o medo e rejeição a uma determinada situação levada ao extremo. Existe um tipo de fobia que se desenvolve em relação ao jeito de ser das pessoas. Nestes casos, a fobia se manifesta em relação à sexualidade, mas também pode se manifestar em relação à religião, à raça, ao estilo de vida, entre tantos outros aspectos. A homofobia/lesbofobia é uma das manifestações da fobia que se manifesta quando tomamos as diferenças de orientação sexual entre as pessoas como fonte de preconceito e de discriminação e até de agressão física, verbal, sexual ou moral, caracterizando-se por toda a ordem de violência física, psicológica e simbólica cometida contra quem vivencia relação afetivo-sexual com indivíduos do mesmo sexo. As práticas de violência avançam pelas ruas, pelas casas, pelas religiões, pelas profissões que silenciam frente à ausência de direitos deste segmento e por várias outras instituições, sendo muitas vezes realizadas pelo próprio Estado, através de seus aparelhos de hegemonia, a exemplo da polícia. Homens e mulheres comuns no seu cotidiano também cometem discriminação quando debocham, ridicularizam, disseminam piadas preconceituosas; agridem, chegando a casos extremos de linchamento e

homicídios que se traduzem nos “crimes de ódio”. “Os crimes de ódio revelam a ausência de regras civilizatórias e o funcionamento de uma espécie de “Estado paralelo” que julga, condena e executa sumariamente homens e mulheres. No caso dos crimes de ódio contra os segmentos LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), estes são patrocinados por uma sociedade homofóbica/lesbofóbica que atribui pena capital pelo fato desses indivíduos orientarem sua vida sexual fora dos padrões da considerada heteronormatividade.

O preconceito pode ser entendido como conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos (SANCHES, 2006). Ou seja, um juízo preconcebido, baseado na generalização deformada ou incompleta, sendo uma atitude hostil e negativa para com determinada pessoa ou grupo. Essa generalização é chamada de estereótipo. Segundo Nunan (2003), significa atribuir características pessoais ou motivos idênticos a qualquer pessoa de um grupo, independentemente das variações individuais, ou seja, criar um rótulo podendo gerar discriminação contra um determinado grupo alvo. Já a discriminação pode ir desde um tratamento diferenciado, passando por expressões verbais hostis e de desprezo, chegando ou não a atos manifestos por agressividade (Idem, 2003). O ato de estereotipar acaba assim criando uma categoria social, no caso dos homossexuais, altamente estigmatizada, reduzida a pessoas defeituosas e inferiores. A estigmatização dos homossexuais é assim resultado de um processo de classificar formas da sexualidade e categorizar as pessoas, criando marcas profundamente negativas e defeituosas, sendo uma das causas do preconceito e discriminação. Goffman (1988) diz que isso constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. Propõe ainda que seja usado o termo estigma em referência a um atributo (característica diferente) profundamente depreciativo.

Para Foucault (1997), sobre os corpos daqueles que tem a sexualidade dissidente, estigmatizada ou inferior, que divergem da norma heterossexual, foram elaboradas práticas discursivas a fim de definir para eles, explicações e lugares no contexto da sociedade ocidental:

As práticas discursivas caracterizam-se pelo recorte de um campo de projetos, pela definição de uma perspectiva legítima para o sujeito de reconhecimento, pela fixação de normas para a elaboração de conceitos e teorias. Cada uma delas supõe, então, um jogo de prescrições que determinam exclusões e teorias (FOUCAULT, 1997, p. 11).

Estas práticas discursivas são interdisciplinares e elaboradas em *“conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo impõem e as mantêm”* (FOUCAULT, 1997, p. 12).

Segundo Foucault (1997), deve-se pensar que essas práticas discursivas são um efeito, e não um simples resultado. As transformações podem ser produzidas tanto fora delas, como em formas de produção, relações sociais, instituições políticas, e quanto nelas, nas técnicas de determinação dos objetos, no afinamento e no ajustamento dos conceitos e no acúmulo de informações ou até mesmo do lado delas, em outras práticas discursivas. Sendo múltiplas, autônomas e sem um nível originário, *“designam uma vontade de saber, anônima e polimorfa, suscetível de transformações regulares e considerada um jogo de dependência determinável”* (FOUCAULT, 1997, p. 14).

Foram feitos muitos estudos empíricos sobre a psicopatologia, sobre a medicina clínica, sobre a história natural etc. Estes haviam permitido isolar o nível das práticas discursivas (FOUCAULT, 1997). Mas sem justificativa teórica, com mais preocupação com a vontade de saber do que a vontade de verdade, foi construída a sexualidade moderna como se pode observar nos dias atuais, sustentados por uma tecnologia dos discursos.

Diante de uma vontade de saber sobre o sexo, usando noções desgastadas da psicologia, medicina ou da antropologia, a curiosidade ou necessidade de dominar ou de se apropriar pelo conhecimento, angústia diante do desconhecido, reações diante das ameaças do desconhecido (FOUCAULT, 1997), não produzem efeitos positivos a fim de amenizar a estigmatização e o preconceito. Por isso, os estudos concretos e uma vontade da verdade diante das possibilidades são o caminho que se deve percorrer quando se trata de falar sobre o sexo.

A sexualidade sempre foi e ainda é submetida a uma tecnologia discursiva na qual foram propostas práticas de tratamento, como se a mesma fosse uma patologia. Um exemplo disso é que somente em 1985 o Conselho Federal de Medicina retira a homossexualidade da condição de desvio sexual, mas a transexualidade permanece patologizada. A resolução 1.652/2002 deste Conselho trata transexual como portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual, com rejeição do fenótipo e tendência à automutilação e ou auto-extermínio. O Conselho Federal de Psicologia somente em 1999 decide não propor mais métodos de cura, e a organização Mundial de Saúde, em 1993, retira o termo homossexualismo e adota o termo

homossexualidade, passando a considerar a homossexualidade uma orientação sexual e não uma patologia.

Pode-se dizer que estes casos são recentes, e algumas destas prenoções foram abolidas apenas em nível institucional, já as práticas discursivas não são monopólios das instituições, mas estão presentes em todos os lugares. Pode-se notar isso quando adentramos na esfera do micro, na qual Foucault (2008) analisa a microfísica do poder, seja nos discursos acerca da sexualidade, seja no cotidiano, nas relações das pessoas com as coisas, com outras pessoas e instituições, e não apenas de um poder determinado verticalmente, a partir das instituições.

Assim, o preconceito e a violência contra os homossexuais, por conta da orientação sexual, são chamados de homofobia. Pelo critério da heterossexualidade, considerado socialmente como padrão e força normativa, os homossexuais são concebidos socialmente estereotipados e estigmatizados como diferentes, defeituosos e desiguais. O ato de fazer injustiças físicas ou metafóricas, a partir de idéias preconcebidas pela ótica heterossexista e machista, define a todo o momento o ato homossexual como patológico, por violar tabus sexuais como também ir contra os papéis de gênero, determinados pelo binarismo homem/mulher.

Com a preocupação de estudar o preconceito e homofobia no estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil, a primeira etapa de nossa pesquisa consistiu em fazer um levantamento quantitativo de dados sobre violência de cunho homofóbico e assassinatos perpetrados contra o público LGBT em nível nacional durante os de 2008-2010. Assim, analisamos dados do Grupo Gay da Bahia; dados sobre homofobia, da pesquisa realizada em escolas pela UNESCO, intitulada “Juventude e Sexualidade”, e um relatório da Fundação Perseu Abramo sobre o mesmo tema.

Em seguida, regionalmente, coletamos dados existentes no Centro de Referência de Prevenção e Combate à Homofobia de Campo Grande (CENTRHO), pela Associação das Travestis de Mato Grosso do Sul (ATMS), assim como também incluímos os dados publicados pela mídia local.

Resultados e discussão

Em nível nacional, o levantamento realizado Grupo Gay da Bahia revela que, no Brasil, foram assassinadas mais de 200 pessoas em razão da orientação sexual, no ano de 2010, 198 em 2009 e 190 em 2008.

Aproximadamente, um homossexual é assassinado a cada dois dias no Brasil. É relevante lembrar que o número deve ser bem maior, em razão de não haver estatísticas oficiais, já que os boletins policiais não registram crimes motivados por orientação sexual, por falta de previsão legal. Os dados são coletados a partir apenas das informações reveladas pela imprensa

Como os homossexuais são estereotipados como efeminados, desiguais, doentes e frágeis, tornam-se pessoas vulneráveis a violências. Dados divulgados pela Fundação Perseu Abramo, em 2009, mostram que 99% da população tem preconceito contra os homossexuais no Brasil. Muito diferente de ser um preconceito velado, como acontece contra outras minorias sociais, o preconceito contra os homossexuais é, em geral, declarado, legitimando e desencadeando violências físicas e psíquicas contra essa população.

Já a UNESCO divulgou na pesquisa “Juventude e Sexualidade”, realizada em 14 capitais brasileiras no ano de 2002, que 27% dos alunos das escolas alvo da pesquisa, não gostariam de ter homossexuais como colegas de classe; 35% dos pais não gostariam que seus filhos tivessem colegas homossexuais em classe e 15% dos alunos consideram a homossexualidade como doença.

Em Mato Grosso do Sul, nossa pesquisa faz uma análise do quadro de violência contra homossexuais para que se possa compreender melhor como ela se manifesta. A importância de se estudar a homofobia revela-se no número de homossexuais assassinados. O Centro de Referência de Prevenção e Combate à Homofobia (CENTRHO) de Campo Grande, revela que, somente nos anos de 2006 a 2009, 18 homossexuais foram assassinados por motivação homofóbica. Desses, só um caso foi solucionado.

Abrangendo um período de 10 anos, a ATMS (Associação das Travestis de Mato Grosso do Sul), registra que, entre os anos de 1997 a 2007, ocorreram 27 casos de assassinatos. Nesse número de mortes, deve ser contado o assassinato de 09 travestis no ano de 1997, na cidade de Dourados. Esses crimes foram cometidos pela mesma pessoa, que ficou conhecido como “Matador de Travestis”. Além das 09 travestis assassinadas por ele em Mato Grosso do Sul, ele teria matado outras 10 no estado de São Paulo. O “Matador de Travestis” foi preso e condenado a 200 anos de prisão, cumpriu parte da pena na Penitenciária de Segurança Máxima de Dourados, e morreu recentemente (2012) por complicações decorrentes do vírus da AIDS, já que o mesmo era portador. Seu ódio por travestis seria explicado, segundo noticiado na época, por conta de ter contraído o vírus de uma travesti com quem teve

relações sexuais. Segundo a Associação das Travestis de Mato Grosso do Sul, as mortes por tiro, seguido de facadas, são as principais formas de homicídio de homossexuais.

Dada a dificuldade em se obter dados oficiais acerca da temática proposta, nos dados coletados pode-se observar divergências, dependendo da entidade que faz a coleta. A opção feita aqui foi de expor os dados como eles aparecem. Considerando também que tais números podem ser ainda maiores, visto que nem todos os casos de violência e de assassinatos são registrados como resultantes de práticas homofóbicas.

Os crimes de ódio

Em 2009, na cidade de Corumbá, foi assassinado Walmir Silveira Ponciano, 38, cartomante, com 37 facadas. Diferente de crime comum, quando a constatação da morte é o suficiente, os assassinatos contra os homossexuais são denominados “crimes de ódio”, ou seja, a pessoa é assassinada pela sua condição de homossexual e a morte só não basta. Nesse caso, Walmir foi assassinado com 37 facadas, como descrito a seguir:

Conforme o delegado Jeferson Rosa, o adolescente contou com a ajuda de outras duas pessoas para cometer crime. Albano do Nascimento Garcia, de 33 anos e Alex Francisco da Luz, de 24 anos, tiveram participação no crime. De acordo com informações do delegado, o adolescente afirmou que ainda abriu o corpo de Walmir, tirou fígado, rim, e uma parte do coração, depois jogou num saco e colocou ao lado do corpo. A faca que utilizou para perfurar o cartomante também arremessou a 20 metros de onde teria jogado o corpo. O rapaz negou que o crime envolveu homossexualismo (*sic*) e disse que não esfaqueou a vítima 34 vezes, mas 23 vezes. (midiamax.com.br, Acesso em 24/09/2009).

Ainda no período de realização dessa pesquisa, outros crimes foram noticiados, mas não foram registrados como crime contra homossexuais, apesar dos mesmos se revelarem pelo modo como foram cometidos, dentro do padrão dos crimes de ódio:

O rapaz foi encontrado morto na terça-feira (14), dentro do campus da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) em Campo Grande. Emerson saiu de sua casa no sábado, 11 de abril, pela manhã e seu corpo foi encontrado na tarde do

dia 14 de abril, abraçado a uma árvore com um saco plástico preso por fita adesiva sobre a cabeça. Foram encontrados dois bilhetes escritos por ele – um deixado em casa e outro encontrado no bolso da calça do rapaz. A árvore estava envolta por um plástico. As mãos de Emerson estavam amarradas por um cordão de nylon fechado por um cadeado. Ao lado do corpo havia uma faca de cozinha, uma tesoura, um saco plástico preto (tipo de lixo) com uma camiseta vermelha dentro. (www.campograndenews.com.br. Acesso em 14/04/2009).

Esse caso, ocorrido dentro do *campus* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, foi dado como suicídio, embora a polícia não tivesse elementos que confirmassem a tese. Entretanto, a própria família do estudante reforçou a tese do suicídio e o processo de investigação foi arquivado sem a devida solução. Estranhamente, o corpo do rapaz foi encontrado na entrada da ponte para pedestres sobre o Córrego Cabaça, na reserva biológica existente dentro do *campus*. Não ficou explicado como o estudante de física teria se amarrado com os braços para trás preso por um cadeado e se asfixiado com um saco plástico envolto a uma árvore, parecendo uma morte muito lenta para um suicida. A propósito, nesse local já foram cometidos vários crimes, entre eles o estupro de uma estudante de Química em 2010, o que motivou, depois de protestos dos acadêmicos, a Reitoria a fechar a passagem. Nos bilhetes encontrados, o rapaz dizia estar deprimido e que sua vida não teria mais sentido.

Algumas dos assassinados ocorridos no estado foram registradas pela imprensa local, porém os motivos de alguns dos homicídios não foram revelados. Seguem quatro casos registrados na mídia local com objetivo de ilustrar a situação:

O 5ª Distrito Policial fechou ontem o inquérito sobre o assassinato do empresário Edison Ravaglia de Aguiar, 47 anos.[...] Três adolescentes são apontados como autores do homicídio, sendo dois de 17 anos e uma adolescente de 15. De acordo com a polícia civil, os adolescentes ameaçavam divulgar um vídeo onde o empresário estaria mantendo relações sexuais com um casal de adolescentes. De acordo com a polícia, o adolescente teria conseguido extorquir do empresário R\$ 14,5 mil após ameaçá-lo com o vídeo. (Capital News, 13/08/2010).

A Polícia foi ao local e encontrou o corpo de Zanardo na beira da cama, em um dos quartos da casa. Marcas de vários golpes de faca pelo corpo e muito sangue. (www.midiamax.com.br. Acesso em 13/08/2010).

O travesti Débora Mancinni, 36 anos, cujo nome de batismo é Ricardo Aurélio de Almeida Dias, foi assassinada com um tiro no pescoço na noite de ontem, em Campo Grande. (www.rmtonline.com.br. Acesso em 13/08/2010).

O travesti Sidney Nascimento, de aproximadamente 30 anos, foi assassinado com vários golpes de tesoura, por volta das 6h desta manhã, em uma residência localizada na Travessa Lázaro Gonçalves Martins, no centro da Capital. (www.edicaoms.com.br. Acesso em 13/08/2010).

Outros dados referentes à homofobia foram coletados a partir de entrevistas, das quais serão destacados apenas alguns trechos demonstrativos das situações de preconceito e violência que pessoas homossexuais estão submetidas. Para manter o anonimato dos informantes, serão identificados pelas letras A, B, C e D.

Assumir para si é o ponto de partida de um árduo processo que ainda virá se o sujeito resolve se revelar para outras pessoas. Muito além das dúvidas de para quem, como e quando contar, o sujeito não sabe como as pessoas reagirão, arriscando perder conexões humanas importantes como a família e amigos íntimos. Por isso, alguns preferem não se arriscar a perder e preferem não revelar a sua sexualidade, pois carregar o estigma significa ter de lidar com intolerância, conflitos, decepção dos pais. O Entrevistado C comenta que não assume a sua sexualidade para os seus pais pelo medo de envergonhá-los e também porque depende financeiramente deles.

Entrevistado C - Não pretendo falar tão cedo a eles, tanto é que dependo financeiramente deles e pode dar uma confusão enorme se eles descobrirem. O meu pai é bem capaz dele me expulsar de casa. [...] Eu tenho medo de tipo que alguma pessoa ou que alguém que não seja da minha família fale pra minha mãe ou para o meu pai e que isso faça com que eles sintam vergonha de mim.

De acordo com Nunan (2003), o homossexual ou decide assumir a própria homossexualidade, suportando a possibilidade de rejeição, discriminação e marginalização, ou mantêm segredo sobre a orientação sexual, tendo que defrontar com o isolamento, falta de apoio e a dificuldade de levar uma “vida dupla”. Quando se assume a homossexualidade ela simultaneamente erotiza e viola a masculinidade que socialmente foi concebida como padrão.

No caso dos homossexuais, como vimos, a identidade é deteriorada (Goffman, 1988). Nesse sentido, a homossexualidade é um estigma que

desqualifica quem a possui, mas, sobretudo se torna o atributo mais relevante entre todos os outros que a pessoa possui (BUZIN, 2008).

Existe um grande medo de rejeição afetiva da família e não é tão incomum serem fisicamente agredidos ou até expulsos de casa. Nesse sentido, a entrevistada A conta que depois que assumiu a sua sexualidade, aos 18 anos de idade, teve implicações e insultos.

Entrevistada A - Sentei eu, meu pai e minha mãe, e disse: pai, mãe, vocês sabem, faz tempo que aconteceu isso e tentei namorar o xx e tal e não deu certo e abri o jogo com eles, aí a minha mãe começou a gritar e falou que preferia uma filha paraplégica ou que saísse dentro de um caixão daquela casa do que uma filha homossexual. [...] Minha mãe foi no meu quarto e começou a quebrar tudo e começou a gritar que não ia sair de lá para ir morar com outra mulher.

Entrevistada B - Assumi para a minha mãe, mas não entrava na cabeça dela [...] e o meu pai demorou cerca de dois anos pra aceitar a ideia.

Para revelar a homossexualidade para os amigos, também se arriscam laços afetivos e de alianças. Ninguém é obrigado a ser amigo de outrem, pois tem a liberdade de decidir, porém quando se rompe os laços por conta da homossexualidade do outro explicita que ainda mais forte que a amizade, existe a homofobia. A Entrevistada A relata sobre as meninas e os meninos de seu curso e a Entrevistada B fala acerca dos laços rompidos.

Entrevistada A - eu vejo que elas têm receio de se aproximar de mim. Parece que sei lá, eu posso atacá-las. Os garotos são bem homofóbicos.

Entrevistada B - Eu vi todos os meus amigos se afastarem de mim. Eu tive uma perda num período de tempo muito grande.

Muito além da esfera familiar e da amizade, a homofobia se expressa também nas ruas da cidade de Campo Grande. O entrevistado D, que já sofreu esse tipo de violência verbal e quando perguntado da situação, se já sofreu preconceito ou violência nas ruas e como são as ofensas, relata que:

Entrevistado D - No caso de eu andar na rua, sim, eu tenho uns amigos um pouco efeminados, efeminados até demais, aí o pessoal fala, mexem, até mesmo quando a gente vai para as baladas passam mexendo, mas nem dou “tchum” pra eles. [...] “suas putinhas”, “seus veadinhos filhos da puta”.

É normal que homossexuais tenham outros homossexuais como amigos e, nesse sentido, Nunan (2003) reitera dizendo que são grupos de afirmações que não se encontram dentro de uma família heterossexual, ou seja, diferente de outros grupos estigmatizados, a minoria social homossexual não tem geralmente apoio da família, por não ser compreendida como tal e mesmo que compreendida, não saberia o que fazer. Diferente de outras minorias sociais, encontram-se nas relações sociais homossexuais problemas como esses que impedem que sejam abertos diálogos saudáveis dentro da família.

No contexto do trabalho, a entrevistada B relata sobre os assédios.

Entrevistada B - Rola muito assédio e piadinha no trabalho [...] e você acaba sendo alvo.

Nesse ponto, como relatado pela Entrevistada B, à condição homossexual é comum (“acaba sendo alvo”) carregar estigmas negativos que acabam inferiorizando os homossexuais e tornando-os vulneráveis. Justifica-se dizendo que existe na sociedade uma correlação entre a masculinidade e a heterossexualidade. Os homens reafirmam a sua masculinidade pressionada pela sociedade e rejeitam elementos que não sejam definidos como masculinos. O próprio exemplo é a sociedade heterossexista tal como encontramos hoje. A Entrevistada B relata sobre o tipo de preconceito que já presenciou no trabalho e direcionados a ela:

Entrevistada B - “Qual vai ser o homem que vai pegar a Entrevistada B que vai fazer ela virar mulher”. “Não anda com ela porque você vai ficar mal falado porque ela é sapatão”.

Para finalizar, pode-se inferir que ser ou não homossexual não pode ser considerado uma escolha. O indivíduo pode escolher adotar ou não uma identidade gay. Quando decide adotar um “estilo de vida gay”, enunciado por Foucault (1999), o indivíduo tem que passar pelo rito de se assumir como tal, termo também utilizado como “sair do armário” ou “coming out”, no que consiste em revelar a sua orientação sexual, seja para seus familiares, amigos ou colegas, ganhando assim uma visibilidade desafiando o discurso sexual hegemônico.

Referências

- ASSOCIAÇÃO das Travestis de Mato Grosso do Sul. Campo Grande. 2011.
- CASTRO, M. G., ABRAMOVAY, M. e SILVA, L. B. da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO, Mec, Coordenação Nacional de SDT/Aids, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Instituto Airton Senna, 2004.
- CENTRO de Referência em Direitos Humanos de Prevenção e Combate à Homofobia. Campo Grande. Secretaria de Estado de Governo. 2011.
- FOUCAULT, M. História da Sexualidade 1 – A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FUNDAÇÃO Perseu Abramo. www.fpabramo.org.br. Acessado em 20 de agosto de 2011.
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1963/1988.
- GRUPO Gay da Bahia. www.ggb.org.br. Acessado em 15 de junho de 2010.
- NUNAN, Adriana. Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.
- SANCHES, Vanessa Koram de Chueiri. A discriminação por orientação sexual no contrato de trabalho. Dissertação de Mestrado. PUC-PR, 2006.
- SANTOS, C. A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vida de gays e lésbicas. Ribeirão Preto, 2004 tese

Sites

(Acessado em 15/08/2011)

<http://www.movimentolivre.org/artigo.php?id=121> (Acessado em 15/08/2011)

<http://www.portalms.com.br/noticias/detalhe.asp?cod=959551720> (acessado em 13/08/2010)

http://www.capitalnews.com.br/ver_not.php?id=82781&ed=Geral&cat=Not%EDcias (acesso em 13/08/2010)

<http://gay.com.br/tag/violencia/> (acesso em 13/10/2008)

http://www.capitalnews.com.br/ver_not.php?id=82827&ed=Policial&cat=Not%EDcias (acesso em 13/08/2010)

http://www.midiamax.com.br/view.php?mat_id=563008 (acesso em 13/08/2010)

<http://www.portalms.com.br/noticias/detalhe.asp?cod=959551720> (acesso em 13/08/2010)

<http://rmtonline.globo.com/noticias.asp?n=381182&p=2> (acesso em 13/08/2010)

<http://www.edicaoms.com.br/noticias/68769,Travesti+e+assassinado+a+tesourada+s+em+Campo+Grande.html> (acesso em 13/08/2010).